

SALVADOR FERREIRA
QUOTIDIANO SAN

Este livro é dedicado a todas as minorias étnicas
que ao longo da sua existência lutaram para a sua afirmação
num contexto em constante mutação
em que as desigualdades aumentam todos os dias.



Giroka Ferramenta caçador e apicultor. Hupa, Cacula, Huila – 20 Out 2015



AGRADECIMENTOS

À minha família, responsável pelo meu equilíbrio emocional que, mais uma vez, me ajudou para escrever este livro.

A Benedito Quessongo, pelo profissionalismo demonstrado ao longo da pesquisa, pelo comprometimento com a causa San e pelo conhecimento partilhado ao longo desta viagem que, na verdade, constituem a base do conteúdo deste livro.

A Sérgio Guerra, pelo encorajamento dado e que acabou por se tornar uma fonte de inspiração na construção de um pensamento de intervenção social através da fotografia.

A José Neto e José Luis Fernandes pelas discussões que tivemos e que ajudaram a consolidar a ideia do livro e aprofundar o raciocínio sobre a dinâmica San.

A Domingos Ventura pela companhia na grande viagem ao território San.

A todos aqueles que se solidarizaram com a causa e que, para o efeito, doaram roupa e calçado, tão necessários para a comunidade San.



Uma roupa nova é suficiente para tornar uma jovem feliz. Hupa, Cacula, Huila – 20 Maio 2016

PREFÁCIO

Salvador Ferreira ou melhor Santinho, é um escritor angolano-angolano, escreve sobre o seu país, acompanha os rastros intelectuais de Agostinho Neto que escrevia para o seu povo, visando criar uma consciência angolana “*Vamos conhecer Angola*”, uma palavra de ordem que é ainda preciosa, mas também bastante desconhecida. Infelizmente parece que a maior parte dos angolanos prefere conhecer os Estados Unidos da América, um país lindo. Entretanto, eu acho que Angola é muito mais interessante para os angolanos.

O que é que me atrai aos San? Dentre os primeiros livros que li sobre África havia a obra de Laurens Van der Post, escritor Sul Africano opositor do apartheid e exilado, que falava sobre os San do Botswana e de que era um grande conhecedor. Estas foram boas razões que me levaram a ler o Van der Post. Associado a esta questão, embora menos intelectual, mas muito mais alegre é o filme (que eu recomendo a todos) “*Os deuses devem ter ficado loucos, 1-2*”.

Na realidade os San são os mais antigos moradores de África e de Angola. Quando os antropólogos querem estudar os povos caçadores e a economia da caça fazem sempre referência aos San. Ao trabalhar com eles, eles dão o prazer da descoberta da diversidade.

O valor do trabalho do Santinho está na tentativa de falar de uma comunidade que não é bem aceite pelos citadinos, pelos angolanos de cultura citadina. O Santinho ultrapassou as barreiras da cidade, segura, conhecida e aceite e entrou num mundo rural – o campo dos San - que, aos olhos da maior parte dos citadinos angolanos, é inseguro, desconhecido e perigoso ... Ao fazer isso, o Santinho demonstrou ter coragem física e intelectual. Os meus cumprimentos.

Como antropólogo, tenho uma grande satisfação ao ler o que o Santinho escreveu “Durante este período, aprendi coisas impressionantes e descobri outras surpreendentes.” Desta forma, o Santinho recusa as opiniões correntes sobre os San como sendo pobres e selvagens, e aceita-os como compatriotas e como seres humanos. Demonstra ser um angolano citadino que é solidário

com os seus compatriotas do “mato”. Um angolano do mundo do petróleo que lida com os antigos caçadores. Acho isso maravilhoso.

Importantíssima é a descrição da evolução dos San. Caçadores e combatentes, mas com toda a capacidade de superarem as tradições limitantes e os limites da falta de cultura e de riqueza. Como escreve o Santinho, “...tendo o pressuposto de que a transição é algo bom para a comunidade San, se pretende que ela seja calma, pacífica, sem paternalismo e traga benefícios recíprocos.” Politicamente muito correto!

“Assim, actualmente é comum observar os San realizarem actividades de longo prazo, o que os obriga a permanecerem no mesmo lugar. Estando hoje a viver em aldeias, sentem a obrigação de estarem com a família para realizarem as actividades agrícolas, construírem as habitações e participarem nas actividades comunitárias. A construção de celeiros e a criação de animais domésticos são exemplos de outras actividades que requerem a sua presença regular no local de residência e, como tal, incompatíveis com o nomadismo praticado no passado”.

“O facto de o San ter sofrido muita discriminação ao longo da sua história, ele se tornou numa pessoa com baixa autoestima. Assim, torna-se importante deixar de olhar para os San como “aqueles aí” porque isso chega aos seus ouvidos e aumenta a sua retracção.

“Os San têm abandonado os seus usos e costumes, aprendido a língua dos vizinhos, mudaram a forma de vestir e de comer, pautando o seu comportamento pelos valores e normas da maioria bantu como parte da integração social na nova era em que se encontram. Esta realidade, aconselha a fomentar um desenvolvimento plural da sociedade, que reconheça a igual valia dos diferentes grupos, significando que todos devem receber todo o apoio para a sua integração, desfrutar dos mesmos direitos da maioria da população e que as diferenças étnicas sejam respeitadas e celebradas enquanto componentes vitais da vida nacional...

“Sendo os San uma minoria étnica é também importante considerar uma abordagem inclusiva para a sua protecção que para além do

acesso aos bens económicos, inclua também o acesso a oportunidades e os aspectos ligados ao poder, prestígio, participação, representatividade e resgate da memória colectiva como fator de identidade cultural. Tudo isso, deve ser feito cuidadosamente, para facilitar a construção de uma sociedade multicultural que insira política, económica e socialmente todos. Finalmente, a educação é reconhecida como pedra basilar para combater a discriminação e aumentar o acesso as oportunidades de emprego.”

Um antropólogo como eu e sobretudo, quem gosta de Angola, deve subscrever o espírito que levou o Santinho a declarar esta política com uma visão aberta, moderna e respeitosa das diversidades sobre o futuro de Angola que eu aceito completamente.

Marco Ramazzotti,
Italiano Angolanizado
Antropólogo



A mestiçagem étnica que se consolida. Pai bantu e mãe San. Hupa, Cacula, Huila - 16 Fev 2016





Esposa do seculo Tchilupa e o produto da lavra comunitária. Hupa, Cacula, Huila – 20 Mai 2016

Quando em 2011 publiquei o livro “A Fotografia do Quotidiano”, que aborda o comportamento das pessoas em relação à fotografia, fui questionado por várias pessoas e pelo meu filho Ndayamena, na altura com oito anos de idade, quando é que eu publicaria o Quotidiano 2. Naquele momento não tinha nenhuma ideia sobre isso. Entretanto, quatro anos depois, as pessoas que esperavam pelo Quotidiano 2 foram surpreendidas com a publicação do livro “Tchivinguiro – uma memória colectiva”.

Passados sete anos, apraz colocar à disposição das pessoas mais uma obra que não é o Quotidiano 2 mas sim o “Quotidiano San”, que é um livro que também combina texto e imagem como forma intimista de partilhar sentimentos e conhecimentos práticos sobre a vida da comunidade San de Angola.

O Quotidiano San é um livro que convida as pessoas a uma viagem ao passado, presente e futuro da comunidade San de Angola. Visa ajudar no entendimento da transformação do seu estilo de vida nómada para algo diferente, aproximado ao sedentário, mas que, apesar disso, continua a realizar actividades típicas de nómadas. Realça a sua longa trajectória de mudanças, que começou com a migração Bantu e a colonização europeia, e continua até hoje.

O livro conta a história da comunidade San, por meio de uma combinação de texto e imagens que evidenciam de forma objectiva as actuais práticas de vida, recolhidas ao longo de vários anos em comunidades San. Apresenta informações sobre o dia-a-dia San, antes e depois da independência e após o fim da guerra civil em Angola, os principais factores responsáveis pela transformação do seu modo de vida e os desafios que eles enfrentam nesta transição. Tendo o livro sido concebido com o pressuposto de que a transição é algo bom para a comunidade San, convida a sociedade a participar nesta longa viagem que se pretende seja calma, pacífica, sem paternalismo e traga benefícios recíprocos.



Geri colhendo milho na lavra comunitária. Hupa, Cacula, Huila – 16 Feb 2016



Caíso Bayona jovem caçador. Hupa, Cacula, Huila – 20 Out 2015



No passado eram caçadores-recolectores e desfrutavam da natureza mas, à medida que o tempo passa, o seu modo de vida tem sofrido transformações. Actualmente, o quotidiano San é caracterizado por actividades de rotina realizadas durante todo o ano que incluem a prestação de serviços diversos, o cuidar das lavras e animais, a recolha de frutos silvestres, a água para consumo e lenha, a caça, o artesanato e as actividades sazonais efectuadas em períodos específicos ao longo do ano e que focam na colheita de cereais, preparação da terra e sementeira, fabricação de bebidas alcoólicas e recolha de mel. Sendo que, de Abril a Dezembro, observa-se o maior volume de trabalho pela diversidade de actividades que realizam simultaneamente.

A comunidade San é uma etnia distinta, ou em grande parte distinta, grupo minoritário nativo espalhado por grande parte da África Austral (William e Mary Bill, 2009). Os San representam um grupo numericamente inferior ao resto da população de Angola, em posição não dominante, possuem características étnicas, religiosas e linguísticas diferentes das do resto da população e demonstram de maneira implícita, um sentido de solidariedade, dirigido à preservação da sua cultura, das suas tradições, religião ou língua. Eles distinguem-se à primeira vista, fisicamente, um San dum Bantu (Estermann, 1983).

Em Angola ela pode ser encontrada nas províncias da Huíla, Kunene, Kuando Kubango e Moxico vivendo maioritariamente em aldeias e em pequenos grupos dispersos dificultando obviamente a sua localização. Na Huíla, estão localizados nas aldeias do Hombo, Kakombe e Mupembati município do Quipungo, na Huipa, Kavingolo e Nhondo município da Cacula, na Mapunda no município do Lubango e no município da Chibia. No Kuando Kubango, província que alberga o maior número de San, eles encontram-se em todos os municípios (Caiundo, Menongue, Rivungo, Cuangar, Calai, Nancova, Dirico, Mavinga, Rivungo, Cuchi e



Cuíto-Cuanavale). No Kunene estão presentes na aldeia de Chiete em Namacunde, na Mupa município de Cuvelai e em Oshiholo, Neoli, Cafima e Evale no município do Kwanyama. No Moxico, província com a menor quantidade de população San, eles estão apenas nos municípios dos Luchazes e Bundas.

Relativamente à quantidade da população San em Angola, existe bastante controvérsia porque os números apresentados se baseiam em estimativas e diferem muito entre si. Ainda existem grupos desconhecidos pelas autoridades governativas sobretudo no Kunene e Kuando Kubango como o grupo Omahilili que vive disperso e foge ao contacto dos outros grupos San e principalmente dos Bantu. Assim sendo, torna-se difícil apresentar um número que indique com precisão a quantidade de população San residente actualmente em Angola. Entretanto, a verdade é que, comparativamente aos demais países da região subsariana (África do Sul, Namíbia, Botsuana, Zimbabwe e Zâmbia) onde eles também habitam, depois do Zimbabwe, Angola é o país que actualmente alberga a menor quantidade de população San na região.



Filha de João Mukuata contemplando a multidão. Hupa, Cacula, Huila – 16 Fev 2016



Mudança no estilo de vida evidenciado pelo cultivo de culturas perenes. Hombo, Quipungo, Huila - 21 Out 2015





Posando para a fotografia. Mukundi, Kuando Kubango – 24 Nov 2015

Tudo começou em dois mil e nove quando, pela primeira vez, estabeleci contacto directo com a comunidade San e, por força disso, iniciei um processo de aprendizagem relativamente ao modo de vida San. Durante este período, aprendi coisas impressionantes e descobri outras surpreendentes. Ambas desenvolveram em mim um sentimento de solidariedade face aos problemas que os San enfrentam para sobreviverem, e permitiu também identificar muitas lacunas de informação sobre os San de Angola visto que, apesar da sua existência secular, pouco se sabe sobre o seu passado e sobre o seu estilo de vida.

Os San sempre viveram afastados dos outros grupos étnicos, e estando o país a viver uma nova era de paz e reconciliação nacional, pareceu-me ser oportuno escrever este livro para, por um lado, despertar a sociedade e as instituições a participarem numa reflexão colectiva e inclusiva que contribua para a integração política, social e económica dos San e, por outro lado, estimular a realização de outras pesquisas relacionadas.

Este livro resulta de uma pesquisa realizada durante cerca de oito anos em três diferentes etapas. A primeira etapa ocorreu entre 2009 e 2013 durante a monitorização de três projectos sociais de apoio às comunidades San do Kuando Kubango e do Kunene, implementados pela Associação de Conservação do Ambiente e Desenvolvimento Integrado Rural (ACADIR) e a Organização Cristã de Apoio ao Desenvolvimento Comunitário (OCADEC). A segunda etapa aconteceu em 2011, que consistiu na recolha de informação para a publicação do livro Onde Angola Começa financiado pela BP Angola. A terceira e última etapa ocorreu entre 2014 e 2017 em que foram entrevistados membros da comunidade San e profissionais das áreas de sociologia, antropologia, história, pedagogia, linguística, relações internacionais e técnicos de desenvolvimento social. Esta etapa foi acompanhada de uma extensa cobertura fotográfica sobre o quotidiano San nas comunidades San da Hupa, Derruba, Hombo (Huíla), Ntopa, Mukundi, Mbundu e Calunda (Kuando Kubango) e Cafima (Kunene). Foi a etapa mais longa da pesquisa envolvendo diversas viagens de carro que totalizaram mais de doze mil quilómetros percorridos e contou com o especial e incondicional apoio da OCADEC e ACADIR.



Bimbi Camati, esposa do seculo Tchilupa, preparando pirão. Hupa, Cacula, Huila – 19 Out 2015



Caminhada em busca da água que continua escassa. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015



Preparando fuba de milho, uma nova tarefa no cotidiano San. Hupa, cacula, Huila - 19 Out 2015



Suco Tchombé posando para a fotografia. Hupa, Cacula, Huila – 16 Fev 2016

Para muitas pessoas, os San são simples habitantes rurais que vivem al-
gures distantes da civilização urbana. Mas, a realidade demonstra que são
pessoas com habilidades excepcionais que lhes permitem sobreviver num
ambiente cheio de adversidades como é a natureza.

A sua forte ligação com a natureza faz deles pessoas diferentes e especiais
que nos deve orgulhar a todos por fazerem parte do mosaico etnocultural
de Angola.

Todavia, nota-se que à medida que o tempo passa, as diferenças sociais e
culturais existentes entre os San e Bantus em relação ao estilo de vida,
estão a transformar-se em semelhanças por causa da transição em que
eles se encontram neste momento, pela necessidade que têm de se adap-
tar à nova realidade em que vivem.



San filha de pai Cubano colhendo batata-doce na lavra comunitária. Hupa, Cacula, Huila – 20 Mai 2016



Os anos que antecederam o fim da guerra em Angola foram muito conturbados para os San, e isso mexeu profundamente com a sua estabilidade social.

Sendo eles pessoas ligadas à natureza, criaram novas formas de estar para se isolarem das ameaças externas.

Entretanto, terminada a guerra civil e esgotada a possibilidade de continuarem a praticar o nomadismo, devido à perda das suas terras, tornou-se óbvio e inteligente transformarem o seu estilo de vida na perspectiva da sua sobrevivência.



Armando Manuel, ex-militar das ex-FAPLA. Hupa, Cacula, Huila – 19 Out 2015

0 SAN ONTEM

Actualmente, pouco se tem falado sobre a sua existência e sobre o seu modo de vida. Apesar da sua existência secular, reconhece-se que existe um conhecimento limitado sobre o seu passado. Assim, é importante que se mencionem alguns acontecimentos históricos que, acredita-se, têm influenciado na transformação organizativa e social da comunidade San de Angola.

Em meados do século XVII, quando se deu o início da colonização europeia, havia cerca de 300.000 San em África mas, a maioria foi erradicada, presa pelos colonos europeus e os migrantes Bantu do norte e do leste de África (Ohenjo, et al., 2006). Importa também mencionar que a chegada dos migrantes Bantu que ocorreu antes da colonização europeia, teve um impacto negativo na vida tradicional porque já possuíam armamento e o estilo de vida pastoralista fez com que eles dominassem e precisassem de terras para sustentar as suas colheitas e rebanhos de gado. Consequentemente, a relação Bantu e San foi caracterizada por conflitos e os San, sendo mais fracos devido a inexistência de armamento e precária organização social, foram gradualmente afastados dos seus territórios tradicionais.



Mutéria Camati sorrindo de satisfação. Hupa, Cacula, Huila – 19 Out 2015



Um celeiro nas alturas para uma estadia de longo prazo. Hupa, Cacula, Huila - 20 Maio 2016





Mulher San recolhendo fruta. Hupa, Cacula, Huila – 16 Fev 2016

Seguidamente, os San foram expostos às infra-estruturas dos colonizadores, como tribunais, exército convencional e igrejas na Namíbia, Angola e mais tarde na África do Sul, e as suas práticas produtivas, a caça e a recollecção, um modo de vida praticado durante milénios, foram alienadas (Brenzinger, 2001:61) e recentemente, no início da década 60 (Robbins, 2001), os San foram contratados pelos portugueses, para lutarem contra os vários exércitos de libertação em Angola. Entre 1974 e 1975, fugiram para a Namíbia e envolveram-se novamente noutra guerra, lutando pela Força de Defesa Sul-Africana contra o Exército Popular de Libertação da Namíbia.

Estes factos demonstram que durante vários anos a guerra tornou-se num modo de vida para os San de Angola, e Robbins (2001:61) considera que por causa disso, a maioria abandonou o país antes e depois da independência para se juntar ao exército sul-africano tornando-se mesmo na maioria dos 4.000 militares do Batalhão 203 na base de West Bushmanland.



Tchombé filho posando para a fotografia. Hupa, Cacula, Huila – 16 Fev 2016



No passado, eram caçadores-recolectores e desfrutavam da natureza mas, à medida que o tempo passa, o seu modo de vida tem sofrido transformações. Recorriam à vegetação para se abrigarem, e se alguém morresse, abandonavam o local levando consigo apenas a muda que possuíam.

Hoje, eles vivem de uma combinação de agricultura de subsistência informal, criação de animais (galinhas, suínos, caprinos e bovino), trabalho manual informal, constroem habitações definitivas para se abrigarem, a morte é aceite como parte do seu quotidiano, e até já participam nos rituais de óbitos de outros povos.



Cuidando da alimentação dos suínos. Hupa, Cacula, Huila – 8 Dez 2015

O SAN HOJE

O estilo de vida do San está em mudança.

A primeira mudança é simples e directa. Resulta da necessidade diária dos San superarem as suas limitações e adoptarem novas formas de estar que lhes permite viver com mais dignidade num ambiente natural e social em permanente transformação. Por terem aprendido a língua dos seus vizinhos, eles conseguem estabelecer algumas relações económicas mais próximas e equilibradas com os Bantu.

Por terem desenvolvido também algumas capacidades técnicas, aumentaram as oportunidades de acesso ao trabalho local, circunscrito ao pastoreio de gado, uso da tracção animal na preparação da terra, sementeiras, sachas, colheitas e construção de habitações. Assim, actualmente é comum observar os San realizarem actividades de longo prazo, o que os obriga a permanecer no mesmo lugar.



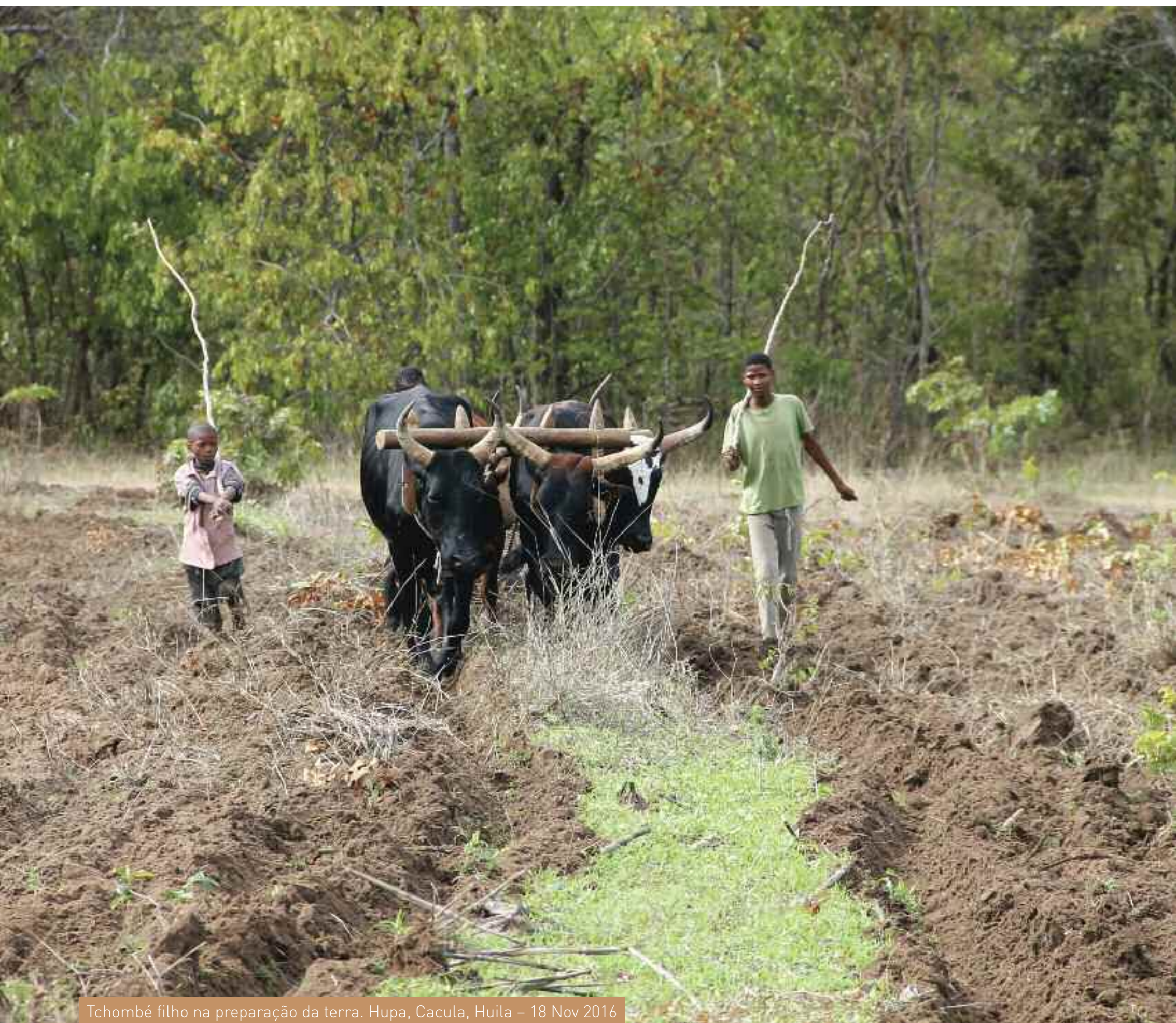
Esposa de Zeferino Periquito a cuidar das galinhas. Hombo, Quipungo, Huila – 21 Out 2015



Não se esqueçam de mim que estou aqui. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015



Aqui estamos para dar continuidade à História. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015



Tchombé filho na preparação da terra. Hupa, Cacula, Huila – 18 Nov 2016

Estando hoje a viver em aldeias, sentem a obrigação de estar com a família para realizarem as actividades agrícolas, construírem as habitações e participarem nas actividades comunitárias. A construção de celeiros e a criação de animais domésticos são exemplos de outras actividades que requerem a sua presença regular no local de residência e, como tal, são incompatíveis com o nomadismo praticado no passado.

A segunda mudança é complexa, longa e indirecta. Requer mudança de atitude e comportamento de todos, e como tal, precisa de ser estimulada e estruturada para que o resultado final seja positivo. O facto de o San ter sofrido muita discriminação ao longo da sua história, ele se tornou numa pessoa com baixa auto-estima. Assim, torna-se importante deixar de olhar para os San como “aqueles aí” porque isso chega aos seus ouvidos e aumenta a sua retracção.



Canhali Tchombé e o gado comunitário. Hupa, Cacula, Huila - 16 Feb 2016



Os San vivem hoje majoritariamente em áreas onde a posse de gado bovino é sinónimo de poder e riqueza. Por não possuírem gado, são vistos como pessoas inferiores para realizarem apenas serviços básicos. Entretanto, fruto do trabalho realizado pela ACADIR e a OCADEC, duas organizações não-governamentais nacionais que trabalham com comunidades San em questões de desenvolvimento comunitário, eles começaram a participar em actividades comunitárias, vão à escola, têm acesso a bens diversos como vestuário e principalmente gado bovino e caprino, o que aumenta a sua capacidade de praticar agricultura e melhorar a segurança alimentar.



Início das chuvas e recolha de ervas para alimentação. Hupa, Cacula, Huila - 18 Nov 2016

ACTIVIDADES SAN

Durante a maior parte da nossa existência na terra, os seres humanos sempre viveram em sociedades de caçadores e recolectores, que retiravam o seu sustento da caça e da recollecção de plantas silvestres (Gibbens: 2008). Isso deu origem ao nomadismo, um modo de vida que obriga à deslocação permanente das pessoas na procura de alimentos. Este estilo de vida não possibilita que as pessoas tenham estabilidade económica (não acumulação de bens) e social (precária organização social e fracos laços de solidariedade), e oferece precárias condições de segurança por estarem demasiadamente expostos às adversidades naturais.

Associado a isso, inclui-se o facto de as mudanças climáticas em Angola estarem a afectar o ciclo vegetativo da fauna e da flora. As restrições no acesso e uso da terra em muitas áreas de residência dos San, dificultam o cumprimento do ciclo do nomadismo por existir o risco permanente de os San encontrarem as suas terras ocupadas pela inexistência de sinais da sua presença na medida em que, Paiva (1998) considera que os San desfrutam da



Cahoia e a delícia do fruto silvestre nonhandy. Hupa, Cacula, Huila - 16 Fev 2016



Criação familiar de suínos. Hombo, Quipungo, Huila - 21 Out 2015



Natureza de uma forma hábil e sábia usando aquilo que de melhor ela lhes oferece sem necessariamente a transformarem.

Por esta e por outras razões, o nomadismo centrado na prática da caça, passou a ser realizado por poucas pessoas. Deixou de ser uma actividade familiar realizada de forma cíclica e de longa duração e passou a ser uma tarefa restrita a pequenos grupos da comunidade, e é feita numa lógica de vai e vem e de curta duração.

CAÇA

O San é um caçador primitivo por excelência, e do produto da caça depende a sua existência. A arma principal é ainda, e foi sempre, o arco. Não só o maneja com grande destreza e habilidade, como o sabe tornar terrivelmente eficaz pelo envenenamento da ponta das flechas (Estermann, 1983:38).

A caça tornou-se escassa porque os animais fugiram para lugares mais distantes. Ela já não responde às necessidades alimentares das pessoas e deixou de ser a principal actividade dos San por causa das restrições legais e das mudanças climáticas.

Durante a pesquisa, perguntámos ao melhor caçador San da Hupa, município da Cacula na província da Huíla, quantos animais tinha caçado no ano anterior



Fina, Caíso e Correia na busca de caça que escasseou. Hupa, Cacula, Huila – 20 Out 2016



Caíso à procura. Hupa, Cacula, Huila - 20 Out 2016

e ele afirmou terem sido apenas quatro. A resposta foi surpreendente porque de acordo com Estermann (1983:47), em termos normais um caçador San matava por ano uma dúzia de antílopes grandes e uma centena de animais pequenos. Por exemplo, na comunidade do Hombo, no Quipungo, que fica junto ao Parque Nacional do Bicuar, os San não podem sequer caçar uma rola com receio de serem interpelados pelos fiscais do parque. Ambas as situações frustram as pessoas e demonstra uma baixa frequência de consumo de carne na comunidade.

Todavia, a caça continua presente na memória colectiva dos San que afirmam com tristeza que “deixar a caça é quase como deixar de existir”. Agora, na condição de sedentários, realizam a caça de forma esporádica por possuírem as famílias fixas na aldeia, lavras para cuidar e habitações para construir.



Aprendizagem em tenra idade. Hombo, Quipungo, Huila – 21 Out 2015



Apesar da escassez, Soba Tchilunga firme na fabricação de flechas. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015



Giroka Ferramenta cuidando do bem comum. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015

RECOLECCÃO

Se a caça já não responde às necessidades alimentares, a recolecção continua a ser relevante para as famílias, apesar da irregularidade das chuvas que afecta o ciclo vegetativo das plantas.

A floresta do sul de Angola é abundante em frutos silvestres (Estermann, 1983:38). Isso torna a recolecção mais previsível e oferece mais garantias do que a caça porque as pessoas conhecem as épocas e as áreas onde podem encontrar os frutos e tubérculos que mais usam. Embora seja a mulher a principal responsável pela recolecção, ela é também praticada esporadicamente, pelos homens e crianças. As mulheres realizam esta actividade numa base regular durante todo ano, ou exclusivamente quando têm alguma necessidade imediata, pretendem adquirir algo ou pagar um serviço. Não obstante ser

praticada durante todo o ano, é entre os meses de Maio e Novembro que se verifica grande abundância de frutos maduros. A abundância diminui quando a chuva inicia e as plantas entram num novo ciclo vegetativo, florescem e não produzem frutos.

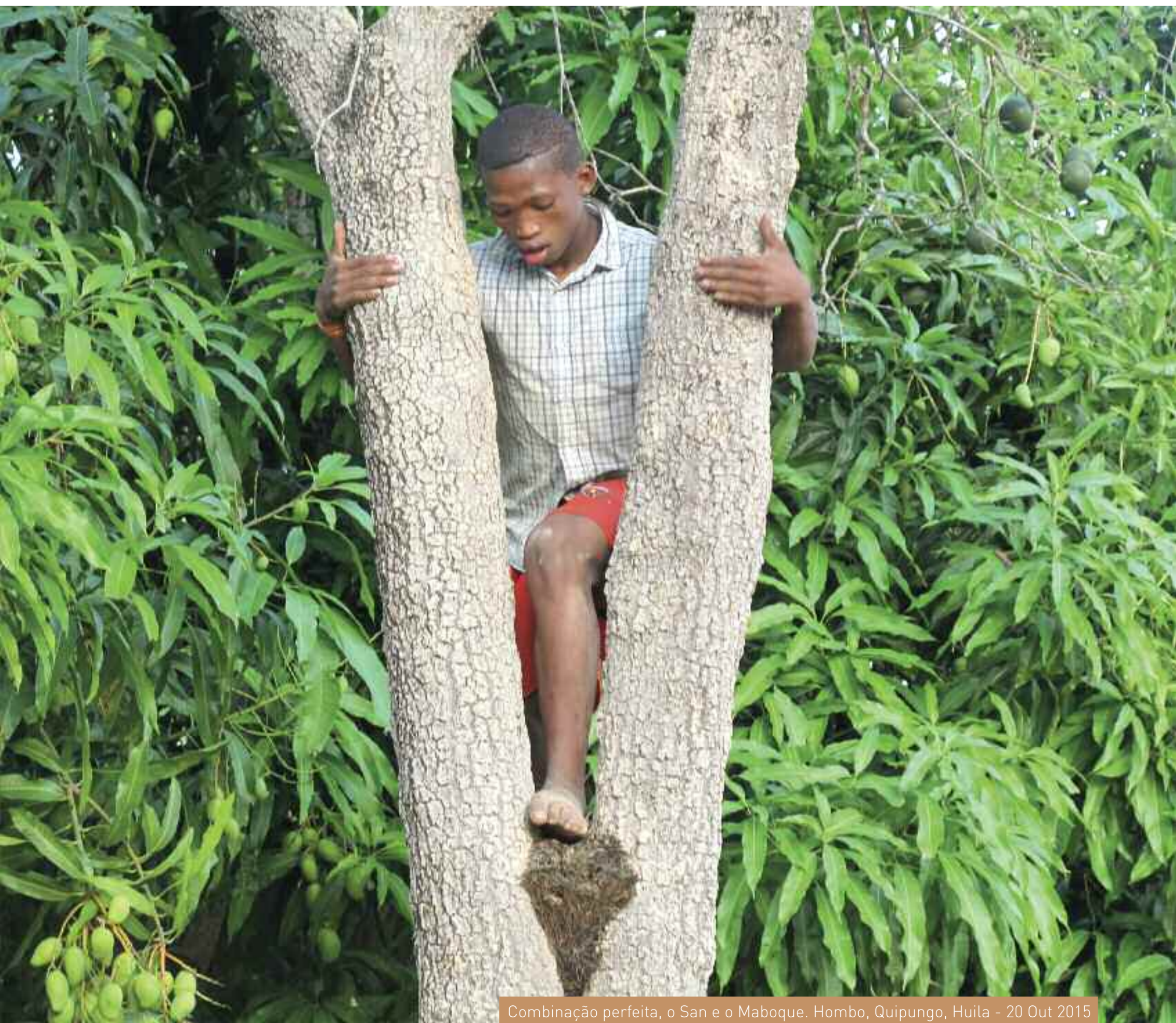
No passado, a apicultura, entenda-se produção de mel, fazia parte das actividades de recollecção e era realizada exclusivamente pelos homens. As pessoas deslocavam-se à floresta à procura de locais onde pudessem encontrar mel. Actualmente, exceptuando nas comunidades San de Ntopa e Mukumbi, Mbundu e Calunda no Kuando Kubango e Cafima no Kunene, onde ainda há muito espaço disponível, o mel é ainda recolhido a partir de locais naturais, mas na Huila, devido à limitação de espaço, o mel é produzido em colmeias fabricadas pelos San que são colocadas em locais seleccionados onde, acredita-se, possam atrair as abelhas.



Comendo maboque, apelidado de laranja do San. Mukundi, Kuando Kubango – 24 Nov 2015



Combinação perfeita, o San e o Maboque. Hombo, Quipungo, Huila - 20 Out 2015



Combinação perfeita, o San e o Maboque. Hombo, Quipungo, Huila - 20 Out 2015



A mulher San e a recollecção. Hupa, Cacula, Huila - 16 Fev 2016

Assim, o mel deixou de ser um produto resultante da recollecção e passou a ser produzido de forma estruturada por quase todas as famílias. Esta actividade é realizada em duas épocas específicas, a partir de Julho e a partir de Novembro. Geralmente é produzido em grande quantidade sendo que, às vezes, as famílias não o conseguem colher todo.

Por ser um produto com um valor comercial alto e devidamente reconhecido pela medicina na cura de muitas doenças, a sua produção devia ser estimulada localmente para impulsionar o desenvolvimento de uma indústria doméstica com foco na alimentação, comercialização e medicina tradicional uma vez que, existem actualmente algumas iniciativas que visam retomar a produção de mel em Angola especialmente na província do Moxico por possuir florestas com enormes potencialidades para a prática da apicultura, devido à existência de árvores como a muvuca, mucondo e mussamba, ricas em néctar, que as abelhas aproveitam para a produção de mel. Assim sendo, em 2014, a Cooperativa Agro-pecuária, Pesca e Apicultura iniciou a produção de mel semi-industrial e em 2015, obteve

uma produção de cerca de cinquenta toneladas de mel que resultou simplesmente da produção de duzentos apicultores dos municípios dos Bundas, Luchazes, Alto Zambeze no Moxico.

Como afirmou Estermann (1983), a floresta sul de Angola é rica em frutos silvestres mas, o maboque que já foi apelidado de “laranja do San”, é sem dúvida o fruto mais importante na dieta alimentar do San pela elevada quantidade que consome e diversos usos que dá ao fruto (venda, fabricação de bebidas alcoólicas e pagamento de serviços). Está disponível durante todo ano, amadurece nos meses de Junho a Outubro, período que antecede o início da campanha agrícola quando as famílias não têm stocks alimentares. Tem a particularidade de poder ser colhido verde, conservar-se por longo tempo e ser consumido gradualmente à medida que amadurece.



Comer maboque não tem idade nem hora. Ntopa, Cuando Kubango – 24 Nov 2015

Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015



Nohulyungo

Arbusto, produz frutos doces entre Maio a Junho. Comem o fruto bem maduro por ser muito amargo enquanto verde.

Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015



Onongongolwa/Olongonguila

Planta rasteira, produz frutos doces entre Outubro a Novembro. A raiz é usada para curar diarreia de sangue.



Onompawe

Árvore, produz frutos doces no início da época chuvosa. A casca da árvore é usada para curar diarreia.



Otchanha

Planta rasteira. As folhas são utilizadas como detergente para lavagem de roupa, cabelo e utensílios domésticos.



Maboque (eoni)

Árvore, produz frutos doces durante todo ano. Maior disponibilidade entre Junho a Outubro. Também usado para fabricar bebidas destiladas.



Onombolebole

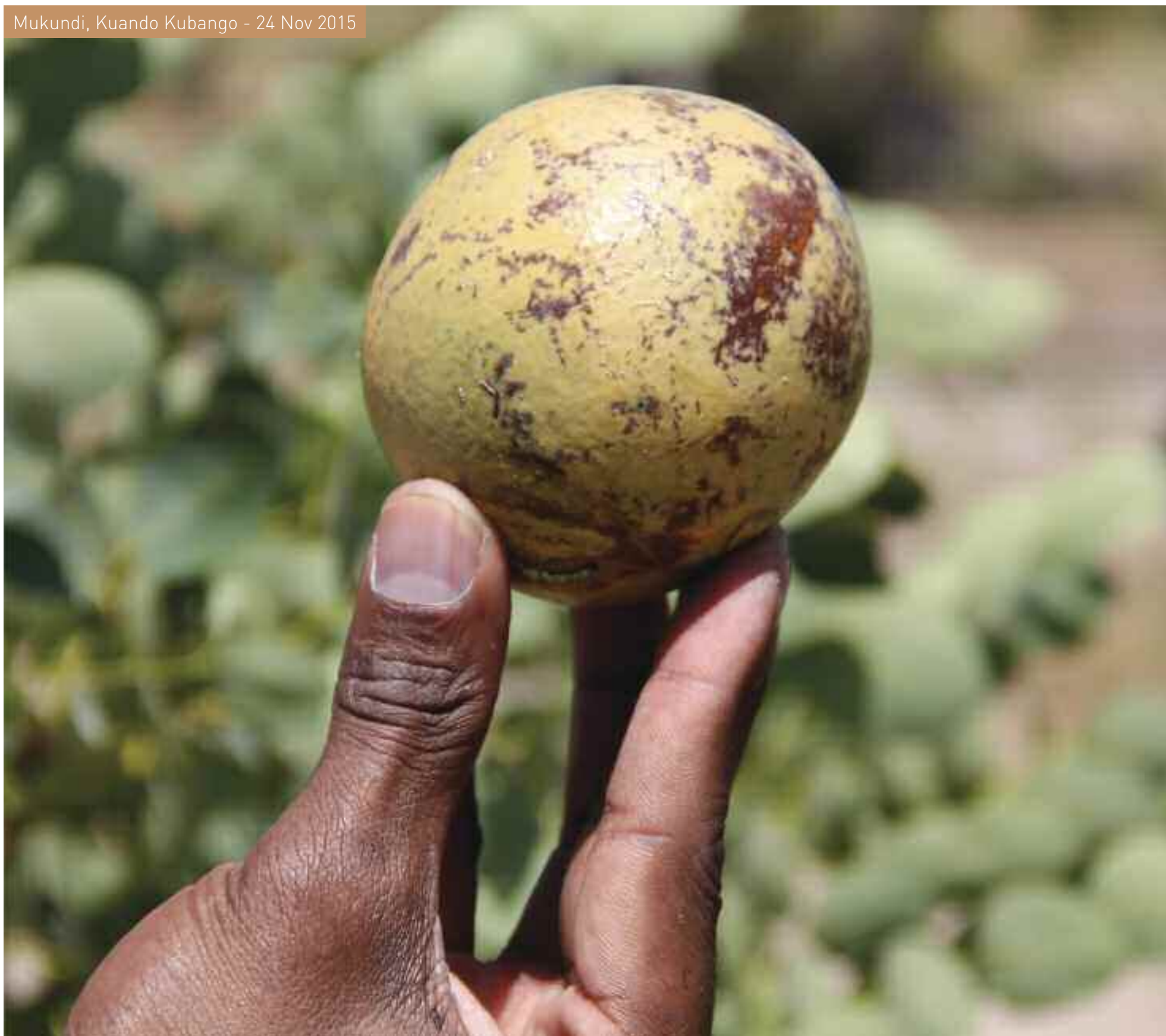
Arbusto, produz frutos doces entre Abril e Junho.



Nas alturas colhendo maboque. Hupa, Cacula, Huila - 16 Fev 2016



Onombolebole (frescos). Arbusto, produz frutos doces Abril a Junho.



Mangongo

Fruto da família da melancia. Come-se cozido e das suas sementes é extraído óleo. Utilizado para fazer molho para acompanhar o pirão.

Hupa, Cacula, Huila - 16 Fev 2016



Nonhandy

Árvore, produz frutos doces, está disponível entre Abril e Junho.



Mayolo

Planta rasteira, produz frutos doces, disponível entre Abril e Junho.



Ancião Matau no cuidado dos menores. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015



Mutenha Camati em socialização e trabalhando. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015

ARTESANATO

O artesanato é considerado uma actividade transversal de apoio a várias actividades. Os homens dedicam-se à fabricação de flechas para a caça, reparação de charruas, enxadas e bicos de charruas. As mulheres dedicam-se exclusivamente à fabricação de silos para a agricultura, quimbalas, panelas de barro (quase raras actualmente), cestos e missangas para uso pessoal e para a comercialização.

Os produtos de cestaria são geralmente vendidos ou usados em troca com cereais. A fabricação destes utensílios diminuiu bastante nas últimas décadas e deixou de ser uma actividade economicamente rentável.

Acontece, porém, que existe uma relação directa entre a execução desta actividade e a quantidade da chuva caída, ou seja, quando chove bastante, espera-se sempre que a produção seja maior e isso aumenta a necessidade de utensílios de cestaria. Sendo que nas últimas décadas tem chovido menos, logo, a fabricação de cestaria tem também diminuído.



Anciã Matau socializando e trabalhando. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015



Nelita, mulher San filha de pai Cubano. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015



Tipo de habitação típica na região. Derruba, Quipungo, Huila - 08 Dez 2015

HABITAÇÃO

Ter uma habitação é entendido como uma necessidade humana básica que se enquadra nos direitos sociais e, enquanto meio de desenvolvimento social, representa estabilidade material e social e possibilita que as pessoas desenvolvam as suas capacidades técnicas. Hoje os San constroem casas definitivas. Este facto proporciona-lhes maior segurança económica que é um ingrediente importante para o seu bem-estar por diminuir a vulnerabilidade da família.

Tratando-se de pessoas com reconhecidas capacidades de trabalhar devido à sua resistência física e humildade, os San são frequentemente contratados para construírem habitações. Este processo contribuiu para elevar a sua compreensão sobre as vantagens de ter uma habitação e, fez disso uma oportunidade de aprendizagem técnica que lhes permite hoje, construírem as suas



Orgulho da casa própria. Mukumbi, Kuando Kubango - 24 Nov 2015

próprias residências com características semelhantes às dos seus vizinhos Bantu. Esta realidade é apreciada pelos San porque dá-lhes mais dignidade e é uma demonstração inequívoca de mudança do seu estilo de vida tradicional.

Os homens são os principais responsáveis pela construção das habitações, e as realizam sempre que há necessidade ou ela se degrada. A durabilidade da casa é variável dependendo do tipo de pau utilizado e da forma como ela for usada. Quando feita de pau-ferro dura em média dois anos e meio. Se durante a sua utilização se fizer fumaça no seu interior, para evitar o aparecimento de insectos roedores da madeira, ela pode durar até quatro anos.



Criança Bantu integrada numa família San. Hombo, Quipungo, Huila - 20 Out 2015

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DO SÁN

A análise comparativa das actividades realizadas pelos San no passado e no presente, ilustra diferenças marcantes. Segundo Bahta, os valores morais e o compromisso de viver em conformidade com a natureza têm gradualmente derretido (Bahta,2014). No caso de Angola, estas diferenças começaram a ser mais perceptíveis e consistentes com o fim da guerra civil em 2002, visto que ela teve o efeito de misturar diferentes grupos étnicos (Trocaire Angola, 2003) e ter reduzido o acesso à terra e aos recursos naturais.

Acredita-se que a transformação social e organizativa dos San em Angola está acontecer de duas formas: uma forçada e violenta que ocorreu durante todo o período que antecedeu a independência, e outra espontânea que está a acontecer desde o fim da guerra civil em 2002. Ela manifesta-se na alteração de hábitos e costumes, uns que deixaram de ser praticados e outros que foram integrados no seu quotidiano.



Em busca do líquido precioso. Hombo, Quipungo, Huila - 20 Out 2015



Exemplo de integração - Jovem San filha de pai mestiço com o filho de pai Bantu. Hombo, Quipungo, Huila - 20 Out 2015



Felicidade de uma jovem San com Angola no coração. Hupa, Cacula, Huila - 20 Maio 2016



Sorrisos de felicidade. Benedito Quessongo e o seculo Tchilupa. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015

Os San sempre viveram da caça e da recollecção de frutos silvestres e mel (William e Mary Bill, 2009:836). Batha considera que por causa da alienação das suas práticas produtivas, os San principalmente os jovens, se esqueçam das habilidades tradicionais da caça, recollecção, cura e ao mesmo tempo, sejam incapazes de adquirir outras habilidades produtivas modernas o que diminui a sua auto-estima e satisfação psicológica (Bahta, 2014:36).

Sem perder de vista as observações de Bahta (2014) é importante realçar outras razões que também têm influenciado a transformação dos San. Uma delas resulta da combinação de factores político-sociais. Se por um lado, os San perderam as suas terras ancestrais por causa da guerra civil (William e Mary, 2009:840) por outro lado, o Governo de Angola tem vindo a publicar diversos diplomas legais para a preservação do ambiente que restringem determinadas práticas no uso do ambiente como queimadas e a caça furtiva (Artigo nº 16, Lei de Terras 9/2004 e Lei nº 11/1998 - Lei de Base do Ambiente).



Irmandade e aprendizagem em tenra idade. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015

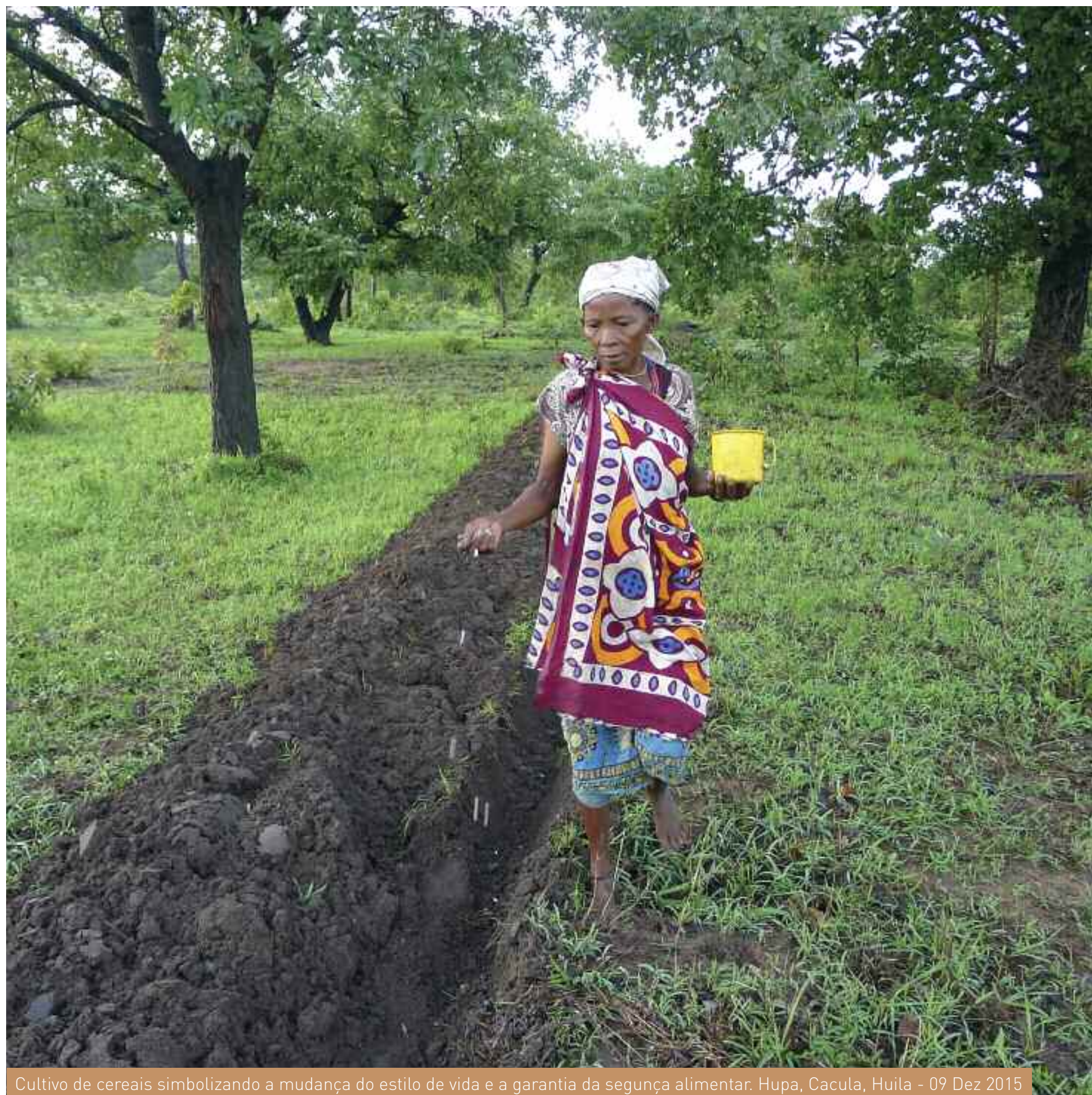


Este conjunto de factores, tem forçado os San a transferirem o seu habitat para outros locais onde geralmente encontram pessoas com modos de vida diferentes e, fruto da necessidade de se adaptarem, têm adoptado novas práticas de vida para que, de forma digna, garantam a sua sobrevivência alimentar.

O fim da guerra civil em Angola favoreceu a circulação de pessoas e bens e a troca de ideias entre elas. Este ambiente favorável tem estimulado o agrupamento das comunidades San que viviam anteriormente dispersas, aproximando-as da comunidade Bantu que vivem próximas de fontes de água ou com acesso a outro de tipo de recursos.



A satisfação de produzir para o mercado. Mukundi, Cuando Kubango - 24 Nov 2015



Cultivo de cereais simbolizando a mudança do estilo de vida e a garantia da segurança alimentar. Hupa, Cacula, Huila - 09 Dez 2015

A interacção com outras pessoas, tem sido um quadro de referência comparativo para os San reconfigurarem a sua visão sobre a vida. Assim, sem renegarem a sua identidade, os San têm aproveitado as oportunidades disponíveis para fazerem uma viragem social com o objectivo de assegurarem a sua sobrevivência.

Conscientes desta realidade, e aceitando valores culturais de outros povos, mas que ajudam a melhorar a sua organização social, os San acreditam que a única coisa mais digna a fazer, e que não requer a intervenção dos outros, é adaptarem-se à realidade actual aplicando as técnicas agrícolas e de criação de animais para que, na sua relação com a natureza, continuem a obter o seu sustento de outra maneira.



Olhem, estamos aqui nos aquecendo. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015



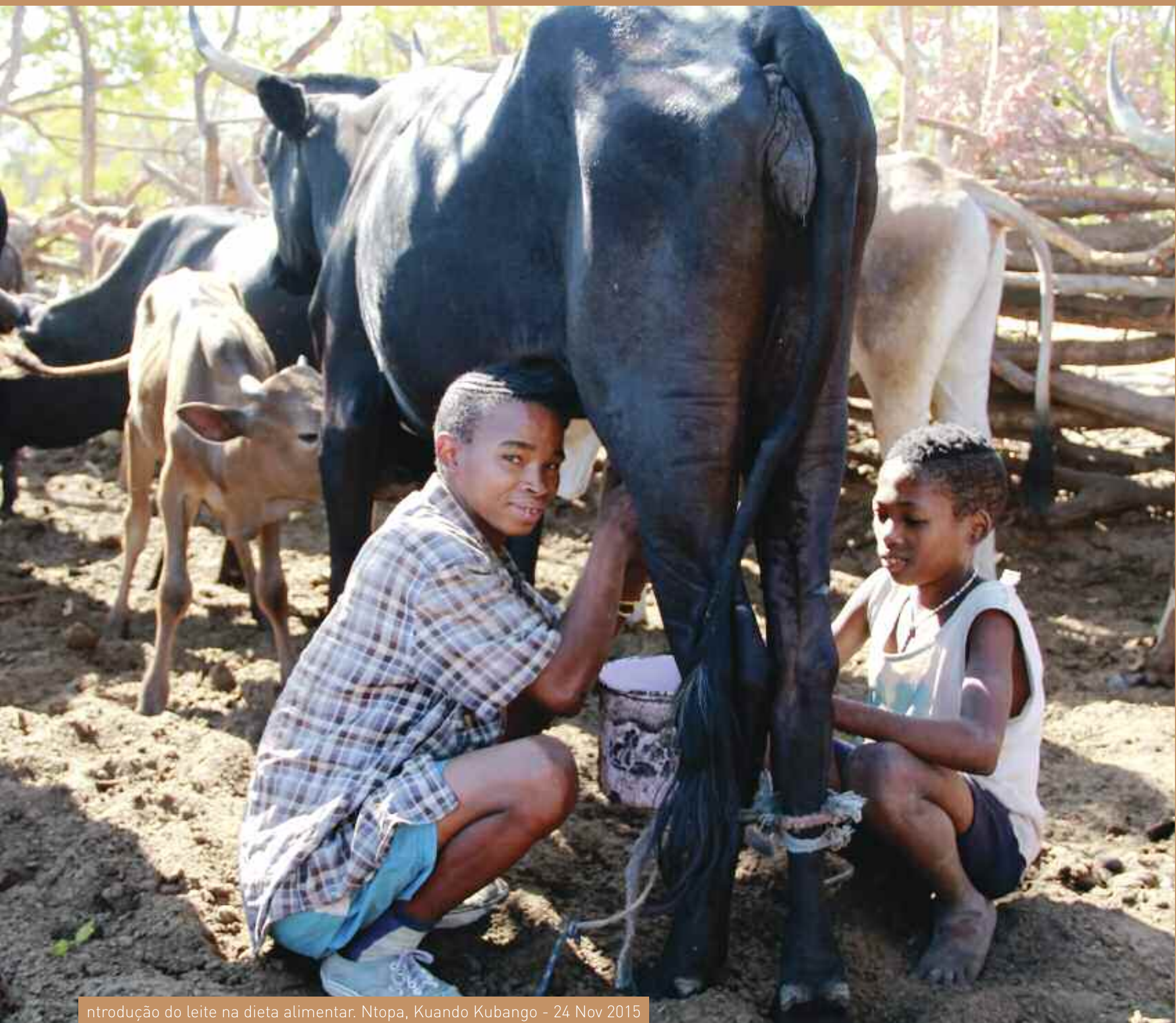
Estamos presentes e atentos. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015

As alterações climáticas estão a afectar o ciclo de desenvolvimento da flora e da fauna. Por exemplo, no percurso do Lubango ao Cuvelai não existe água superficial disponível porque as fontes naturais secaram e as pessoas precisam percorrer longas distâncias para obter água. Este factor está também a contribuir para a erosão gradual do estilo de vida tradicional dos San em Angola, visto que a sua mobilidade foi reduzida e foram forçados a viver em locais confinados, e na maior parte das vezes sem condições para praticarem as suas actividades tradicionais.

Neste contexto de mudanças, o San se tornou uma pessoa mais disponível e passou a ser contratado para prestar serviços aos Bantus nas actividades agrícolas, de criação de gado e construção de habitações. A prestação de serviços acabou por tornar-se na principal actividade de sobrevivência realizada pela maioria dos San. O trabalho pago em cereais, bebidas alcoólicas ou dinheiro é usado na aquisição de alimentos e bens de apoio à actividade agrícola.



Casal Tchilupa feliz. Hupa, Cacula, Huila - 20 Maio 2016

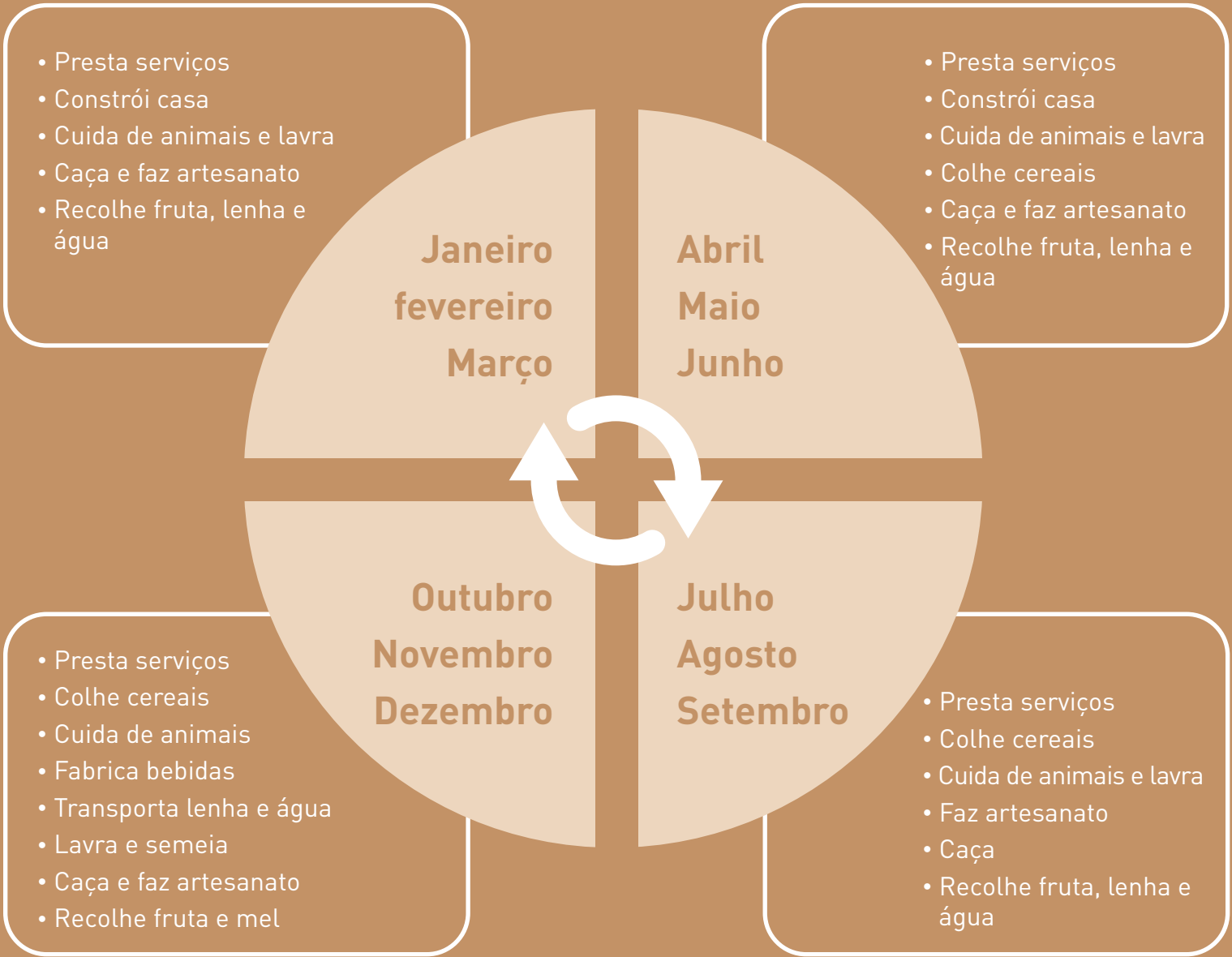


Introdução do leite na dieta alimentar. Ntopa, Kuando Kubango - 24 Nov 2015

QUOTIDIANO SAN



Ntopa, Kuando Kubango - 24 Nov 2015



Relação directa entre San e Bantu

San

- Em fase de transição para sedentário
- Limitado acesso e posse de terra
- Aproveita o que a natureza lhe oferece
- Não faz acumulação de capital e tem baixo sentido de propriedade
- Produz para consumo imediato
- Possui agregado familiar pequeno
- Aprende facilmente a língua dos vizinhos
- Manifesta sentimento de inferioridade e tem baixa auto-estima
- Não tem ligações familiares na cidade
- Aceita casamentos mistos

Bantu

- Estilo de vida sedentário
- Elevado acesso e posse de terra
- Cultiva a terra e cria animais
- Faz acumulação de capital e tem elevado sentido de propriedade
- Produz, consome e faz reserva
- Possui grande agregado familiar
- Tem dificuldade em aprender a língua San
- Diversifica as fontes de rendimento (produz, comercializa e presta serviços)
- Manifesta sentimento de superioridade e discrimina abertamente o San
- Tem ligações familiares com a cidade
- Não aceita casamentos mistos



Duas irmãs e dois olhares, filhas do Sr. Tchombé. Hupa, Cacula, Huila - 16 Fev 2016



A integração que se consolida, filho San de pai Bantu. Hombo, Quipungo, Huila - 20 Out 2015

Semelhanças

- Partilham o mesmo espaço físico
- Partilham os mesmos recursos naturais (flora e fauna)
 - Cultivam o mesmo tipo de culturas
- Consomem o mesmo tipo de cereais e leguminosas
 - Constroem o mesmo tipo de casa
 - Utilizam o mesmo tipo de vestuário



Correia, tranquilidade no olhar. Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015

DESAFIOS

Angola é um país que possui minorias étnicas e, como tal, deve promover iniciativas em que as pessoas pertencentes a essas minorias não sejam privadas do direito de ter, em comum com os outros membros do seu grupo, a sua própria vida cultural, de professar e de praticar a sua própria religião ou de utilizar a sua própria língua.

A transformação social dos San tem sido acompanhada de muitos desafios. Os San têm ganho coisas novas e perdido outras. Todavia, conscientes desta realidade, e de forma reflectida, eles têm tomado decisões necessárias tornando esta mudança possível.

Neste universo cheio de complexidades, existem três questões vistas como sendo os principais desafios enfrentados pelos San na sua transformação. O primeiro desafio está ligado com a organização do sistema de produção. O San necessita ter acesso a terras aráveis para aumentar as áreas de cultivo e meios de trabalho para realizar as actividades agrícolas de forma mais eficiente.



Celeiros como prova da mudança do estilo de vida. Sendi, Quipungo, Huila - 20 Out 2015



Estamos presentes e unidos. Mukundi, Cuando Kubango - 24 Nov 2015

A realidade actual demonstra que apenas as comunidades San que já beneficiaram de apoio de organizações não-governamentais têm alguns meios e conseguem fazer isso. A grande maioria continua a cultivar manualmente, o que já demonstrou ser ineficiente. Assim, vêm-se forçados a prestar serviços nos campos agrícolas dos vizinhos em troca de sementes ou dinheiro. Consequentemente, semeiam fora da época e obtêm rendimentos muito baixos que se revelam insuficientes para suprir as necessidades básicas.

Por se terem tornado sedentários, os San passaram a acreditar que podem, através da prática da agricultura, obter os meios necessários para o seu sustento. Entretanto, nas últimas décadas tem chovido pouco, e eles não conseguem cultivar a terra fazendo com que a nova opção de vida se transforme numa grande frustração, que os leva a afirmarem com tristeza que “podiam ter saído e regressado com alguns maboques”.



A beleza que não se perde com a idade e se transmite para a nova geração. Sendi, Quipungo, Huila - 20 Out 2015

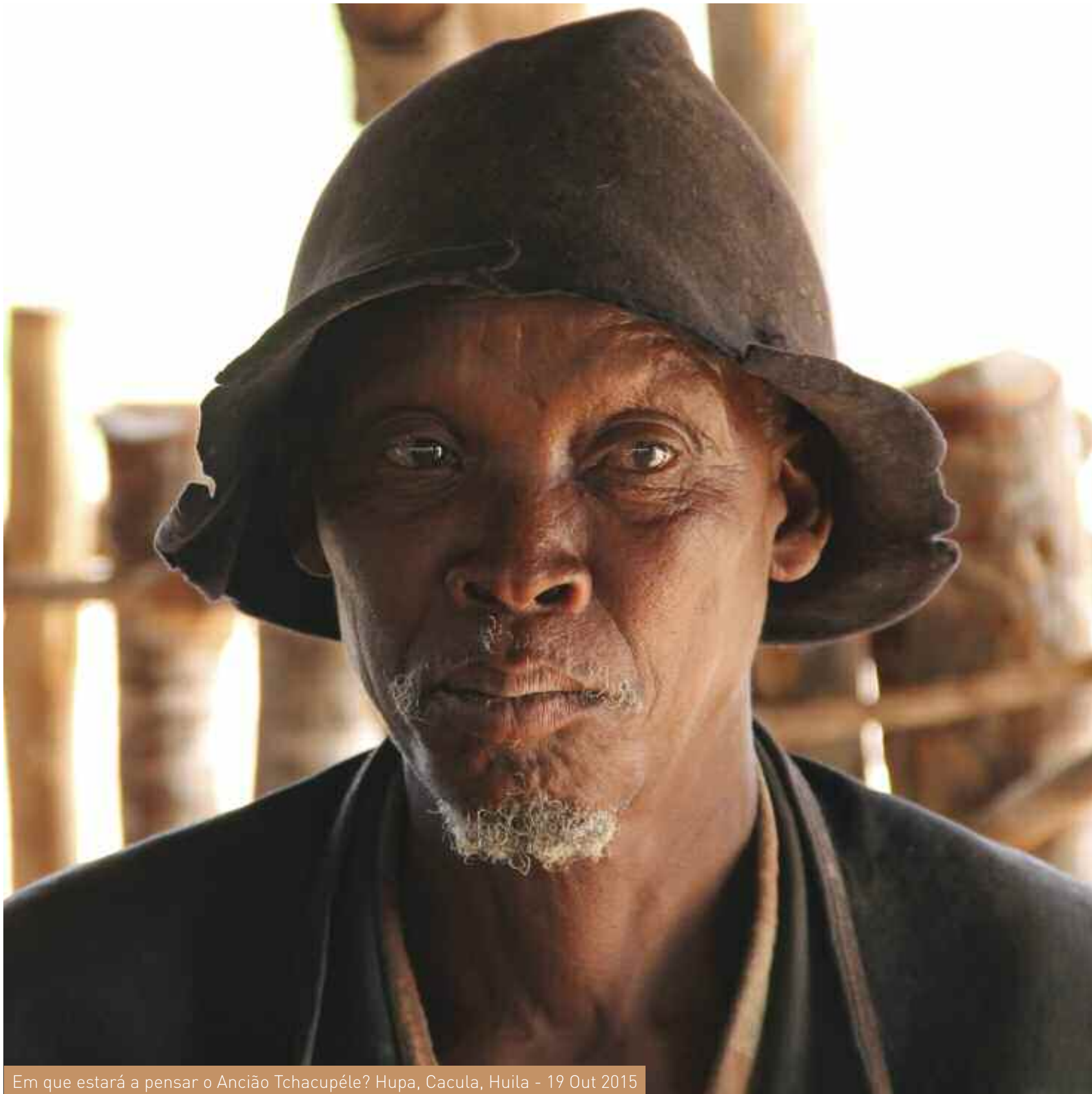


O segundo desafio tem a ver com a aprendizagem da língua portuguesa para facilitar a comunicação com os outros povos, sobretudo no meio urbano, e aumentar o acesso às poucas oportunidades de trabalho, bens e serviços. Para as crianças, o desafio prende-se com a necessidade de serem incentivadas a irem à escola para aprenderem a língua portuguesa a fim de concorrerem em pé de igualdade com as outras pessoas.

A experiência actual demonstra que, quando os San conseguem comunicar-se em português, são aceites com mais facilidade. Existem vários exemplos de San que, por falarem português, tiveram acesso a oportunidades de trabalho doméstico, obras de construção civil e protecção física.



Vamos à escola em busca de um futuro melhor. Derruba, Quipungo, Huila - 20 Out 2015



Em que estará a pensar o Ancião Tchacupéle? Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015

O aumento do consumo de álcool nas comunidades San tem sido relatado nas últimas décadas e é atribuído às perturbações culturais, perda de terras, recursos e redes comunitárias (Heath of indigenuos people in África, 2006:1943). Esta situação fragiliza a maneira como os San gerem os seus afazeres ligados ao sistema de produção.

Torna-se fundamental inverter este quadro, porque o estilo de vida sedentário requer que as pessoas façam uma gestão mais eficiente dos seus recursos e estejam constantemente disponíveis em momentos específicos do calendário agrícola para trabalharem nas lavras. Porém, por causa do elevado consumo de álcool, as pessoas que constituem a força activa dos San são frequentemente contratados pelos vizinhos para prestarem serviços diversos em momentos determinantes da actividade agrícola, em que, na maior parte dos casos, o pagamento é feito por bebidas alcoólicas. Consequentemente, eles regressam a casa quase sempre embriagados, sem dinheiro no bolso, e incapazes de realizarem as suas próprias actividades-chave.



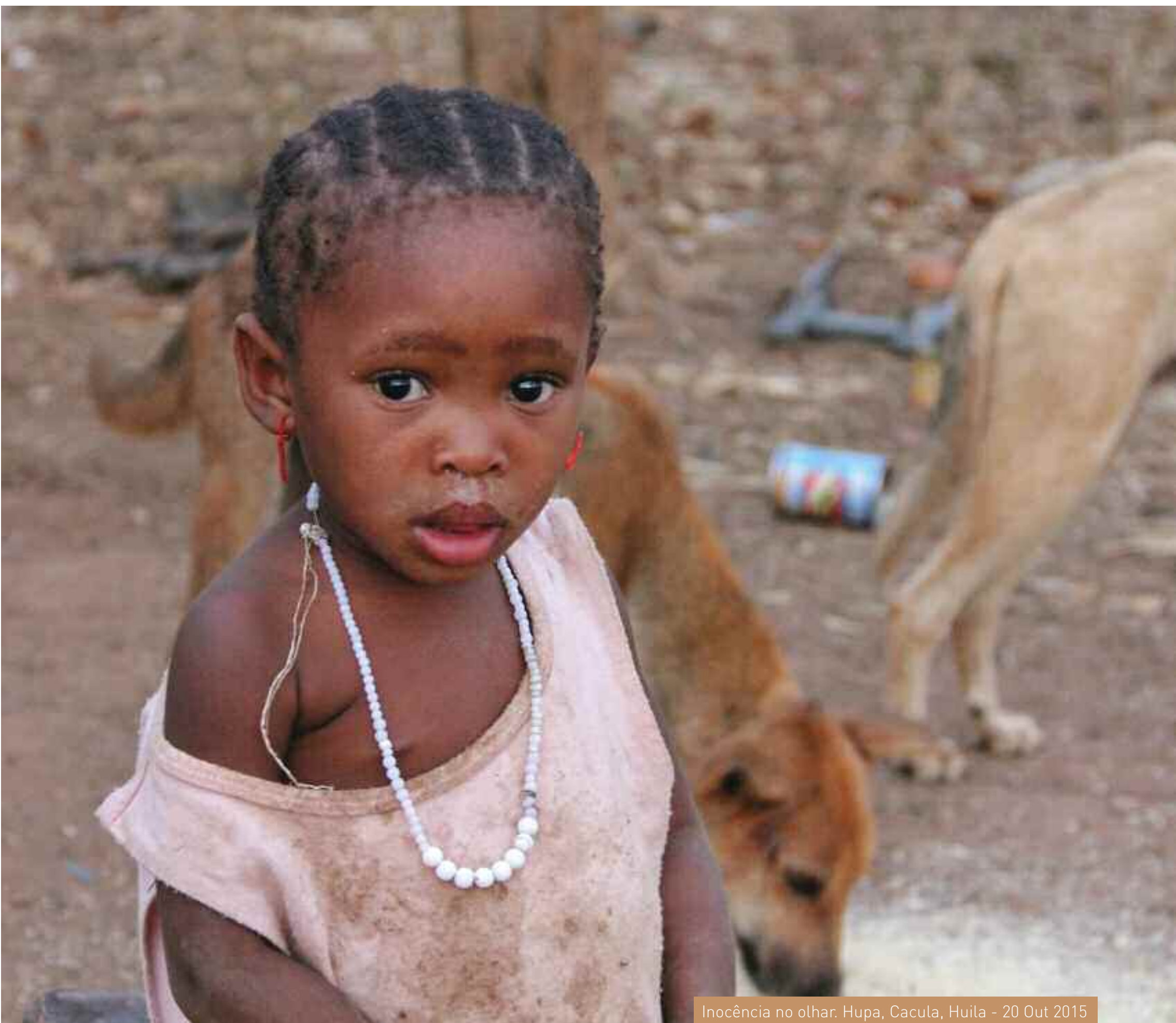
Alegria pelo resultado do trabalho colectivo. Hupa, Cacula, Huila - 16 Feb 2016

CONCLUSÃO

Os factos históricos e a informação recolhida junto de comunidades San, indicam que a história de vida dos San de Angola, tem sido preenchida de mudanças frequentes causadas por acções políticas, sociais e ambientais.

Para se defenderem das ameaças externas, eles têm sido forçados a desenvolver estratégias de sobrevivência, adquirindo e adoptando novas habilidades e práticas que facilitam a sua integração social no meio em que se encontram. Os San têm as suas especificidades e, aconteça o que acontecer, eles continuarão a fazer a transição com espontaneidade.

A existência dos San é secular mas continua a existir um débil conhecimento sobre o seu passado. Isso deve-se à limitada quantidade de iniciativas de pesquisa sobre o assunto. Este facto indica a necessidade de realização de outros estudos para aprofundar a compreensão sobre as transformações que ocorrem actualmente no mundo San.

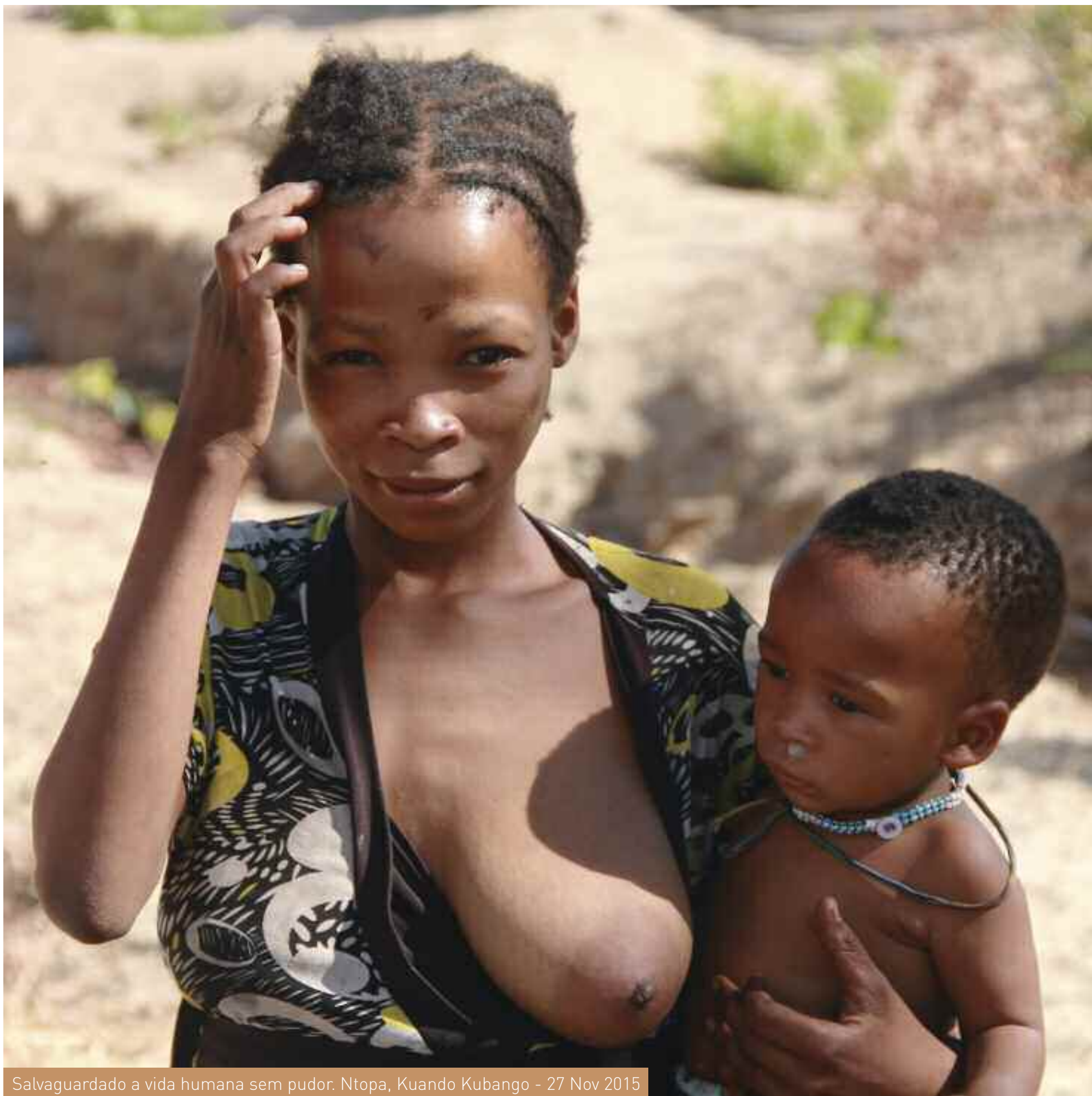


Inocência no olhar. Hupa, Cacula, Huila - 20 Out 2015



Vou à escola porque acredito num futuro melhor. Derruba, Quipungo, Huila - 20 Out 2015





Salvaguardado a vida humana sem pudor. Ntopa, Kuando Kubango - 27 Nov 2015

O nomadismo assente na prática da caça e da recollecção, deixou de ser uma actividade praticada de forma generalizada por todos os membros da comunidade.

Os San vivem hoje em aldeias e passaram a realizar várias actividades de longo prazo, que são incompatíveis com o estilo de vida nómada. Consequentemente, a caça que no passado foi a principal actividade dos San, deixou de responder às necessidades alimentares.

Por outro lado, a recollecção, devido à riqueza de frutos silvestre no sul de Angola, continua a oferecer mais garantias e a ser praticada por todos os membros da família.

O processo de transformação social que está a ocorrer em Angola, particularmente nas zonas rurais, está a afectar directamente a comunidade San. Todavia, a socialização com outros grupos tem sido o processo através do qual os San têm aprendido novas formas de estar no meio em que vivem. Assim, torna-se imprescindível entender as necessidades e expectativas dos San para que a sua integração ocorra de forma pacífica, sem discriminação e sem desvirtuar a sua identidade. As diferenças existentes entre San e Bantus, devem ser capitalizadas para que os benefícios sejam recíprocos e permitam incorporar no discurso das pessoas e na forma de estar o NÓS no relacionamento com os San.

A realidade actual também demonstra que o movimento e mistura entre os San e os Bantus vão intensificar-se nos próximos tempos, visto que os San têm abandonado os seus usos e costumes, aprendido a língua dos vizinhos, mudaram a forma de vestir e de comer pautando o seu comportamento pelos valores e normas da maioria Bantu como parte da integração social na nova era em que se encontram.



O cântico San associado à inauguração da escola do Sendi. Quipungo, Huila - 20 Set 2015

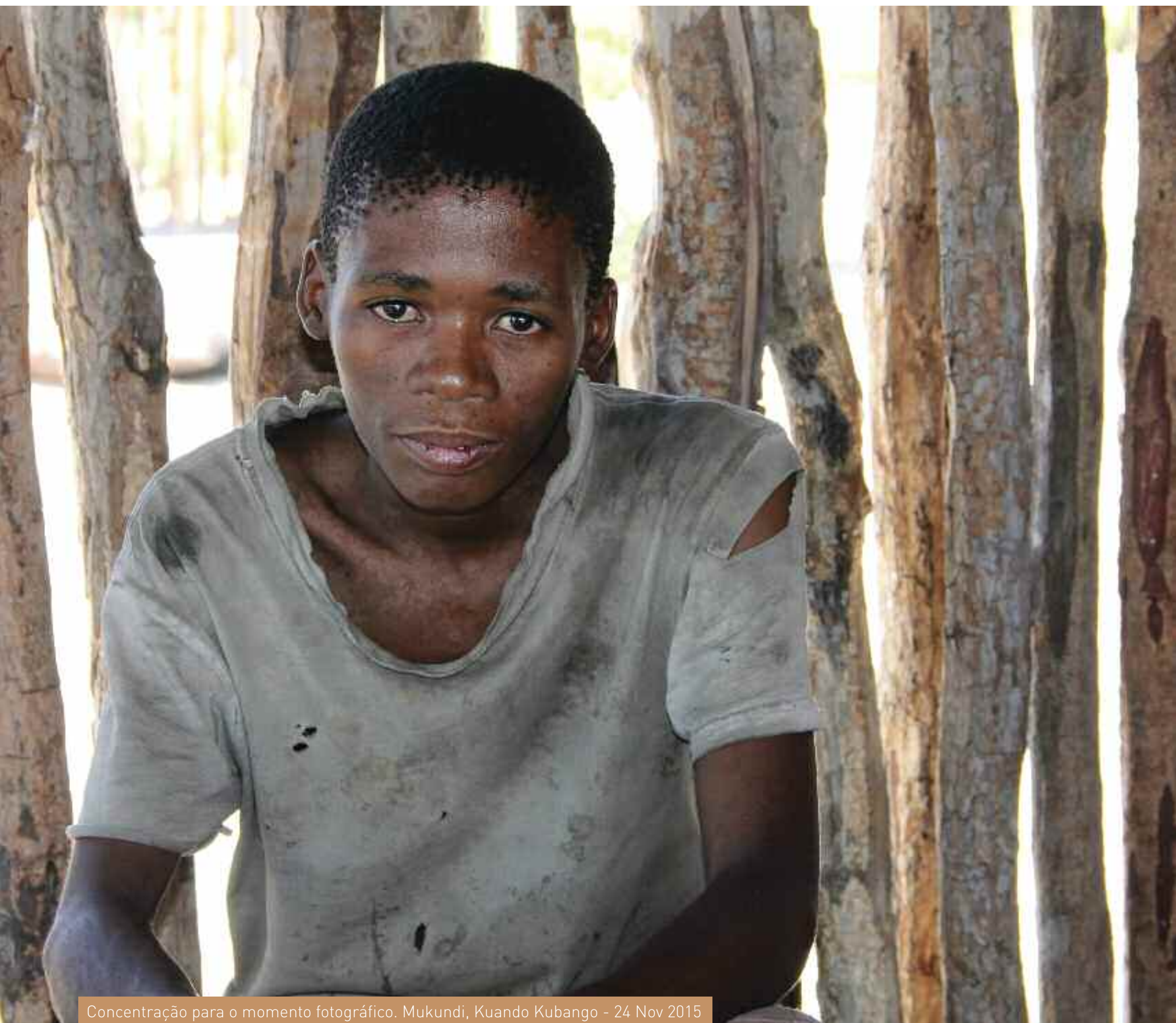


Partilha de felicidade étnica. Hupa, Cacula, Huila - 16 Fev 2016

Esta realidade aconselha a fomentar um desenvolvimento plural da sociedade, que reconheça a igual valia dos diferentes grupos, significando que todos devem receber todo o apoio para a sua integração, desfrutar dos mesmos direitos da maioria da população e que as diferenças étnicas sejam respeitadas e celebradas enquanto componentes vitais da vida nacional.

Sendo os San uma minoria, é também importante considerar uma abordagem inclusiva para a sua protecção que, para além do acesso aos bens económicos, inclua também o acesso a oportunidades e os aspectos ligados ao poder, prestígio, participação, representatividade e resgate da memória colectiva como factores de identidade cultural.

Tudo isso, deve ser feito cuidadosamente, para facilitar a construção de uma sociedade multicultural que insira política, económica e socialmente todos.



Concentração para o momento fotográfico. Mukundi, Kuando Kubango - 24 Nov 2015



Recolha de lenha como parte do quotidiano juvenil San. Hupa, Cacula, Huila - 16 Fev 2016



Digam-me, o que se passa? Hupa, Cacula, Huila - 19 Out 2015

Finalmente, a educação é reconhecida como pedra basilar para combater a discriminação e aumentar o acesso às oportunidades de emprego.

Assim, aproveitando o interesse de integração social demonstrado pelos San, torna-se importante promover o acesso à educação inclusiva para que isso comece incondicionalmente a fazer parte do cotidiano San e ajude as novas gerações a enfrentarem o futuro com competência e mais segurança.



Estamos juntos. Mulher Bantu casada com homem San. Derruba, Quipungo, Huila - 20 Out 2015



Ancião San contando a sua história. Derruba, Quipungo, Huila. 20 Out 2015

Bibliografia

- AUSTRAL, (2012) “*Khoisan: Os Caminhos da integração social*”, Revista de bordo da TAAG (Julho/Agosto).
- Bahta, G.T. (2014) “*Cultural conflicts, dilemmas and disillusionment among the San communities at Platfontein*” - December 2014: page 36-51] The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa, Volume 10, Institute for Dispute Resolution in Africa, University of South Africa.
- BP Angola (2011) “*Onde Angola Começa*”
- Brenzinger, M. (2001) “*San in Angola and Zambia, Windhoek, Namibia*” in An Assessment of the Status of the San in South Africa, Angola, Zambia and Zimbabwe, Windhoek.
- Estermann, C. (1983) “*Etnografia de Angola*”, Volume I, Lisboa.
- Giddens, A. (2008) “*Sociologia*”, Fundação Calouste Gulbenkian, 6ª Edição, Lisboa.
- IWIGIA (2015) “*O mundo indígena*” (04/01/2017).
- LEI Nº 11/87- Lei de Bases do Ambiente 1998.
- LEI Nº 9/2004 - Lei de Terras.
- Ohenjo, N., Willis, R., Jackson, D., Nettleton, C., Good, K., Mugarura, B. (2006) “*Indigenous Health 3 - Health of Indigenous people in Africa*”, www.thelancet.com Vol 367 June10.
- OCADEC, TROCAIRE E WINSA (2003) “*Onde os primeiros são os últimos – A luta pela sobrevivência das comunidades San no Sul de Angola*” (relatório do diagnóstico de necessidades das comunidades San Angolanas).
- Paiva, A., Jacinta, M. (1998) “*Estratégias reprodutivas e o papel da mulher na sociedade !Kung San*”, Mestrado em evolução humana, Universidade de Coimbra, Portugal.
- Robbins, S., Madzudo, E., Brenzinger, M. (2001) “*An Assessment of the Status of the San in South Africa, Angola, Zambia and Zimbabwe, Windhoek*” – Legal Assistance Centre.
- http://www.classicafrica.com/Content/Bantu_Tribes_of_Southern_Africa.asp&prev=search (13 Junho 2017)
- <https://www.geni.com/projects/Indigenous-People-of-South-Africa/10004> (13 Junho 2017).
- http://jornaldeangola.sapo.ao/reportagem/a_industria_do_mel_nas_contas_nacionais (19/11/2017)



Foto: Henrique Malungo

O AUTOR

SALVADOR FERREIRA, Santinho para os amigos, Kyfwas para os colegas de escola, Kaysete para a família – um homem, três identidades mas apenas uma personalidade, 50 anos de idade, nasceu no Kuanza Norte.

Estudou ciências agrárias no Tchivinguiro, Licenciado em Economia e Estudos Sociais pela Universidade de Swansea, Reino Unido, Mestre em Planificação e Gestão de Desenvolvimento Social.

Em 2011, publicou o livro *Parceria Público Privada em Angola – Uma experiência sobre o Microcrédito*, que aborda a perspectiva teórica e prática do conceito de parceria, seus actores e a sua relação no contexto de desenvolvimento social. Em 2012, *A Fotografia do Quotidiano*, que aborda a história da fotografia na vida das pessoas, numa perspectiva humanista, filosófica, social, cultural e comportamental e em 2015, *Tchivinguiro – Uma Memória Colectiva*, uma colectânea de ensaios baseados em histórias verdadeiras testemunhadas ao longo do tempo no Tchivinguiro.